

# ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 26\$000 e 13\$000. - Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIEVS N. 7

## SUMMARIO

DR. HENRIQUE DE SÁ.	Valentim Magalhães.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . .	A.
BORBOLETA . . . . .	Georgina Teixeira.
COMO EU ME DIVERTI!. . . . .	Arthur Azevedo.
FUTURO, PRESENTE E PASSADO. .	Frederico Rhossard.
O LOPES . . . . .	A. Fóscolo.
REQUIEM . . . . .	Figueiredo Pimentel
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO.	Alfredo Bastos.
CONSOLAÇÃO. . . . .	Adelino Fontoura
THEATROS . . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

**DR. LUIZ CRULS**

## DR. HENRIQUE DE SA'

Com grande prazer recebi e vou desempenhar a incumbencia, que me deu o director do *Album*, de traçar o esboço biographico do Dr. Henrique de Sá.

Somos amigos ha cerca de dez annos e cada vez que com elle trato — o que, felizmente, me acontece a miude — mais me felicito de havel-o conhecido.

Neste fervedouro de invejas, intrigas e maledicencias que é a capital do Brasil, nunca ouvi ninguem se referir ao homem cujo retrato hoje adorna uma das paginas d'este album, que não fosse para elogiar-lhe o character ou o talento — ou ambas as coisas, o que tem sido frequente.

Ha entre elle e o seu obscuro biographo varios pontos de affinidade, de que, naturalmente, proveio a amizade que os liga.

Ponho de parte a magresa, o nervosismo, alguma parecença physica, para só me referir ás similhaças moraes. O Henrique de Sá fez-se por si, devido ao seu proprio esforço, sem pae nem padrinho alcaide; é um trabalhador, um activo; tem um espirito curioso, adiantado, inquieto, sempre cheio de coragem para a luta e de esperança na victoria, independente, feito d'esse estofo

moral que não dá *tapetes* mas somente mantos de protecção aos que soffrem e bandeiras de batalha.

Nascido em Magé, na ex-provincia do Rio de Janeiro, aos 25 de Abril de 1855, foi por seu pae mandado para Portugal em 1863, lá esteve durante seis annos e lá fez as primeiras letras.

De volta, queria seu pae destinal-o á carreira commercial. Sentindo-se sem nenhuma vocação para ella, e tendo a protecção dos Srs. A. L. Ferreira de Carvalho & C., fez os seus preparatorios e matriculou-se na Faculdade de Medicina d'esta capital.

Auxiliado sempre por aquelles amigos, e com o producto das lições particulares que dava, foi continuando o curso, juntando-se, quando no terceiro anno, um novo subsidio áquelles — o ordenado de interno do Hospital da Misericordia.

Durante o tirocinio academico, em que foi dos estudantes mais applicados, fundou varios gremios scientificos e redigio diversas revistas academicas, ao lado de talentos como José Thomaz da Porciuncula, Belisario Augusto, Julio Diniz, Vicente de Sousa, Pedro Paulo e outros.

Além dos artigos com que enriquecia os periodicos academicos, escrevia prosa e verso para a imprensa diaria — o *Diario do Rio de Janeiro*, o *Globo*, a *Gazeta de Noticias* etc.

No sexto anno entrou em concurso para o logar de interno de clinica medica da Faculdade, e obteve uma *menção honrosa* proposta pelo grande Torres Homem.

Lembran-se todos de certo ainda da famosa revolução academica de 1879, que originou o exodo dos sextanistas para a Bahia — revolução sympathica e grandiosa pela nobresa de seus moveis e intuitos como pela firmesa e harmonia de sua execução. Nessa turma de insubmissos briosos estavam Francisco de Castro, Belisario Augusto, Pedro Paulo, Dermeval da Fonseca, Vicente de Sousa, Henrique Monat, Julio Diniz e outros muitos, egualmente notaveis, e d'essa turma foi eleito presidente Henrique de Sá.

Na Bahia conquistou logo sympathias e dedicações. Collaborou no *Jornal de Noticias*, em

cujas paginas brilhava o bello talento do mallogrado Aquino da Fonseca.

A these que defendeu (*Diagnostico e tratamento da syphilis visceral*) foi approvada com distincção.

Voltando ao Rio de Janeiro e aqui fixando residencia e consultorio, dispuuia em breve de vasta clientella.

Não obstante o grande numero de chamados e consultas, de visitas diarias, ainda achava tempo para publicar observações clinicas e estudos nas gazetas medicas, presidir associações de beneficencia, servir como membro da directoria de sociedades medicas, como a de *Medicina e Cirurgia*, a que prestou relevantes serviços, collaborar na *Semana*, sob o pseudonymo de *Dr Sahen* (que ainda hoje conserva na mesma folha), leccionar no Lyceu Litterario Portuguez (o que lhe valeu habito da Rosa e a commenda de Christo — de que nunca se servio, nem mesmo do botão symbolico), servir como medico examinador da *Educadora* (companhia nacional de suguros de vida, que tenho a honra de presidir), e, finalmente, para ser um marido exemplar e um pae extremosissimo. Infelizmente essa carreira de trabalhos bemditos e de glorias obscuras — que taes são as do medico — foi empanada pela densa treva de um luto irreparavel — a viuvez.

Conheci a companheira do meu amigo e, por isso, tremi por elle, quando o vi perdel-a. Felizmente ella ficou-lhe reproduzida e repartida em tres filhinhos, e para educal-os continúa elle a trabalhar como d'antes.

O Dr. Henrique de Sá é um ornamento da sua classe. Se tivesse um grão de pedanteria e um pouquinho de geito para a clarlatanice, seria uma celebridade e estaria rico. Lamento isso; não pela celebridade, que é van fumaça, mas pela riqueza, que é coisa muito real e... apreciavel.

E ali fica, esboçado a correr, o sympathico perfil do Dr. Henrique de Sá — o medico das crianças.

VALENTIM MAGALHÃES.

### CHRONICA FLUMINENSE

Os leitores conhecem naturalmente a historia d'aquelle sujeito a quem estava promettida, havia muito tempo, uma sova de pão, e dia e noite andava escondido e atormentado pela ideia de que de um momento para outro lhe chegariam a roupa ao pello.

O pobre diabo, para recuperar a liberdade, encheu-se de animo, foi ao encontro do individuo que o ameaçara, offereceu humildemente o lombo á promettida sova, e voltou para casa derreado mas

satisfeito, dizendo aos seus botões :— Ao menos tiro d'ahi o sentido.

\*

O nosso pobre paiz está numa situação um pouco parecida com a d'esse... philosopho : prometteram-lhe uma tunda mestra, e elle vive sob a pressão constante d'essa ameaça.

Melhor seria, para tirar d'ahi o sentido, que de uma vez por todas o derreassem, em vez de aniquilal-o aos bocadinhos com revoltas, deposições, pronunciamentos e outras patacoadas politicas.

Bombardeiem as nossas cidades, esphacelem-nos, matem-nos, e de um montão de ruinas e cadaveres sahirá talvez a salvacão do Brasil !

\*

No meio d'estas apoquentações, chega-nos do Rio da Prata a noticia do fallecimento de Mauricio Dangremont, violinista muito distincto, filho d'esta capital.

O Brasil nada perdeu, porque Dangremont — Deus lhe perdõe ! — não se considerava brasileiro, mas não será isso rasão para que eu não diga um sentido adeus ao artista que desaparece, e foi — quando criança — um idolo dos fluminenses.

\*

Deviamos ter hoje, 7 de Setembro, duas exposições, uma de bellas-artes, organizada por Aurelio de Figueiredo no intuito de fundar uma galeria livre de pintura e esculptura, e outra de trabalhos juridicos, organizada pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros para commemorar o 50º anniversario de sua fundação. Infelizmente a revolta não deixou que essas bonitas festas se realizassem.

\*

Foi tambem desanunciada a récita de gala do Theatro Lyrico. O Sr. Floriano escapou de ouvir os *Huguenotes*. Isto não o contrariou absolutamente, não porque na opera de Meyerbeer appareçam conspiradores politicos, mas porque o maior dos sacrificios que póde ser imposto ao nosso vice-presidente é ir ao espectáculo. Agradam-lhe mais as corridas : sua exa. assistio a duas victorias seguidas do *Aventureiro*.

Quando me lembro que o Sr. Floriano não foi a um unico espectáculo da Sarah Bernhardt !... E podendo ir de graça !...

\*

Depois de uma ausencia de muitas horas, reapareceu hoje o Sol, em attenção, creio, ao 71º anniversario da nossa independencia politica, e illuminou suavemente a estatua de José Bonifacio de Andrada e Silva, aos pés da qual o Centro Artistico depoz uma corôa digna do « grande precursor e primeiro guia do Patriotismo Brasileiro ».

Mas o Sol appareceu tão enfiado e timido, que, pelos modos, lhe mettiam medo os canhões do *Aquidaban*, realmente mais terriveis que os do *Abacaxi*.

Tivesse eu relações com o rei dos astros, e pedia-lhe com muito empenho que se recolhesse de novo, para não allumiar as nossas desgraças.

\*

Terminemos registrando nesta columna o fallecimento de Joaquim de Siqueira, bom amigo, excellente collega, cavalheiro distincto, muito distincto.

A.

### BORBOLETA

Se eu percibesse as fallas mysteriosas  
Das leves borboletas...

A. Peres Junior.

Não só para em meus versos relatal-as,  
Como para saber dos seus amores,  
Tambem quizera ouvir as suas fallas  
Ditas baixinho ás delicadas flores.

E que prazer sentil-as, escutal-as,  
Saber se tambem nellas cruas dores  
Vão nos seus corações apunhalal-as  
Ou turbar-lhes dos céos as lindas côres..

Mas, só isto saber não desejava a,  
Pois que melhor seria o meu desejo;  
O que de certo mais me interessava,

Nos colloquios de amor que d'ellas vejo,  
Era a certeza ter se lhes morava  
N'alma inclemencia atroz, traição no beijo!

GEORGINA TEIXEIRA.

Recebemos:

Dos Srs. Quaresma & C., livreiros-editores, proprietarios da *Livraria do povo*, um exemplar da *Historia e a legenda* (2ª serie), importantissima obra do illustre e provector escriptor fluminense Sr. conselheiro J. M. Pereira da Silva.

— Dos Srs. Magalhães & C., editores, proprietarios da *Livraria Moderna*, um exemplar das *Aquadas* (carteira de um impressionista), de Ortigão Sampaio, joven escriptor portuguez, sobrinho, dizem-nos, de Ramalho Ortigão. O livro é interessante, mas o que ha nelle de mais apreciavel é a elegancia, o capricho *lemerreano* com que foi manufacturado na Typographia Occidental, do Porto. Mais nos impressionou o impressor que o impressionista.

Dos mesmos editores recebemos: a *Normalista*, romance de Adolpho Caminha, *Celeste*, romance de Delia, e *Broqueis*, versos de Cruz e Sousa. D'estes livros trataremos no nosso proximo numero, e na mesma occasião fallaremos de *Encarnação*, romance de José de Alencar, e da *Capital Federal*, notas de um sertanejo, por Anselmo Ribas, que tambem recebemos.

— Recebemos tambem, entre outros jornaes e periodicos, a *Semana*, a *Gazeta Musical* a *Etoile du Sud* e o *Binoculo*, d'esta capital, a *Gazeta postal*, de Belem, a *Republica* e o *Commercio*, da Fortaleza, o *Cosmopolita*, de Batataes, o *Correio de Petropolis*, a *Gazeta da Christina*, a *Gazeta de Jahú*, o *Popular*, de São Carlos do Pinhal, o *Astro do seculo*, cuja publicação começou agora em São João d'Elrey, a *Revista moderna*, publicação mensal, de S. Paulo, que, como o *Alum*, publica retratos em phototypias, etc.

## COMO EU ME DIVERTI!

CONTO-COMEDIA

PERSONAGENS

JORGE, empregado no commercio.  
O COMMENDADOR ANDRADÁ, negociante, socio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia.  
UM MEDICO.  
DONA MARIA, excellente senhora de meia idade, estabelecida com casa de alugar commodos a moços solteiros.

A acção passa-se no Rio de Janeiro, em quarta-feira de cinzas. Actualidade.

### ACTO UNICO

A scena representa a sala e a alcova que Jorge occupa em casa de Dona Maria. Atirado sobre um velho canapé, um habito de frade, encharcado de suor e sujo de lama. No chão, um par de luvas, egualmente sujas, e um nariz de papelão quasi a desfazer-se, preso a uns grandes bigodes e a um par de oculos.

### SCENA PRIMEIRA

DONA MARIA, O MEDICO.

O MEDICO.

Que tem elle?

DONA MARIA.

Não sei, doutor, não sei. O senhor Jorge tem muito bom coração, mas tem muito má cabeça: é doido pelo Carnaval.

O MEDICO.

Gabo-lhe o gosto.

DONA MARIA.

Hontem vestio-se de frade, poz aquelle nariz pos-tiço, e andou, num carro todo enfeitado de flores, ao lado de uma sujeita que mora no hotel Ravot, acompanhando um prestito. Só o vestuario da pelintra lhe custou perto de oitocentos mil réis!

O MEDICO.

Quem lhe disse?

DONA MARIA.

Os meus hospedes não têm segredos para mim.

O MEDICO.

Adiante.

DONA MARIA.

Para se não constipar, o pobre moço levou consigo, por baixo do habito, uma garrafa de cognac, e de vez em quando aticava-lhe que era um gosto! Quando o prestito passou pela primeira vez na rua do Ouvidor (eu estava lá...), já ia o frade que não se podia lambar! Depois, na rua da Constituição — isto sei eu por um amigo d'elle, que tudo vio — outro moço, tambem phantasiado, bifou-lhe a pelintra, e isso deu logar...

O MEDICO.

... a um rolo! Podéra!...

DONA MARIA.

Racharam-lhe a cabeça!

O MEDICO.

Naturalmente.

DONA MARIA.

E o demonio do rapaz andou toda a noite, de cabeça rachada, á procura da tal mulher, dos Fenianos para os Tenentes e dos Tenentes para os Democraticos, bebendo sempre, até cahir na rua do Fogo, ás tres horas da madrugada !...

O MEDICO.

Com effeito!

DONA MARIA.

A policia levou-o para a estação da travessa do Rosario, e pela manhan uns amigos, que tinham sido avisados, trouxeram-no para casa.

O MEDICO.

Onde está elle ?

DONA MARIA.

Naquelle alcova. Ha cinco horas que alli está deitado, sem dar accordo de si. Por isso, mandei chamal-o, doutor.

O MEDICO.

Fcz bem. Vamos vel-o.

Entram na alcova.

## SCENA II

JORGE, O MEDICO, DONA MARIA.

Na alcova. Jorge está de cama, com a cabeça amarrada, os olhos fechados, os braços cahidos. O medico, ao ver o enfermo, tem um movimento que escapa a Dona Maria.

O MEDICO, tomando o pulso ao doente.

Não tem febre. (Depois de examinar-lhe a cabeça.) O ferimento nada vale... Já lhe pozeram uns pontos falsos; é quanto basta... O seu hospede tem apenas o que os estudantes chamam uma «ressaca»; precisa de descanso e mais nada. Quando voltar a si, se quizer tomar alguma coisa, dê-lhe uma canja, dois dedos de vinho do Porto misturado com agua de Vichy, um pouco de marmelada, e disse. Se amanha continuar incommodado, que tome um laxante.

## SCENA III

O MEDICO, DONA MARIA.

Na sala.

O MEDICO, tomando o chapéo.

A senhora não imagina como estimei ter sido chamado para ver este senhor Jorge! Foi uma providencia !...

DONA MARIA.

Porque, doutor ?

O MEDICO.

Conheço-o, mas não sabia que se tratava d'elle. E' o namorado, o quasi noivo de minha afilhada,

filha do meu velho amigo Raposo. A menina gosta d'elle, e o pae já estava meio inclinado a consentir no casamento: tinham-lhe dado boas informações sobre este pandego. Agora, porém, vou prevenir o compadre, e dissuadir minha afilhada, que é muito docil e me ouve com acatamento.

DONA MARIA.

Valha-me Deus! e sou eu a culpada de tudo isto!

O MEDICO.

Culpada porque ?

DONA MARIA.

Por ter mandado chamar o padrinho! Pobre rapaz !...

O MEDICO.

A senhora deve estar, pelo contrario, satisfeita, por ter indirectamente contribuido para este resultado. (Voltando-se para a alcova.) Que grande patife! namorar uma menina pura como uma flor, e andar de carro, publicamente, embriagado, na companhia de uma prostituta!

DONA MARIA.

No Carnaval tudo se desculpa.

O MEDICO.

Nada! — eu sou o padrinho, o segundo pae d'aquelle anjo!

Vae sahindo.

DONA MARIA, tomando-o pelo braço.

Doutor, doutor, não vá assim zangado com o senhor Jorge... não diga nada á familia da menina... Ah! se eu soubesse... Mas que quer?... Vejo que este hospede tem segredos para mim... (O doutor tenta safar-se.) Ouça, doutor... elle tem um bom emprego... é muito estimado pelos patrões...

O MEDICO.

E a minha afilhada tem um dote de cento e cinquenta contos!

DONA MARIA, aterrada, largando o braço do medico.

Cento e cinquenta contos!

O MEDICO, sahindo.

Fóra o que lhe ha de caber por morte do pae! (Chogando á porta, pára, volta-se e diz:) Canja... vinho do Porto... agua de Vichy... marmelada... e disse!

Sae.

## SCENA IV

DONA MARIA, depois ANDRADE.

Dona Maria fica perplexa, de olhos baixos, na attitude de Phedra, quando diz:

*Juste ciel! qu'ai je fait aujourd'hui ?*

E' despertada bruscamente pelo commendador Andrade, que entra com grande espalhafato.

O COMMENDADOR, gritando.

Onde está o senhor Jorge ?

DONA MARIA, consigo.

Um homem zangado! E' elle, é o pae da menina !...



Phototypia J. Gutierrez.

DR. HENRIQUE DE SA'



O COMMENDADOR.

Senhora, pergunto-lhe pelo senhor Jorge!

DONA MARIA.

Está doente... naquella alcova... dorme...

O COMMENDADOR.

Já me contaram as façanhas que elle praticou esta noite! (Apanhando o nariz-postiço.) Cá está uma prova!

Atira-o longe.

DONA MARIA.

Desculpe-lhe essa rapaziada e não lhe negue a mão da menina.

O COMMENDADOR.

A mão da menina! Que menina?

DONA MARIA.

Sua filha.

O COMMENDADOR.

Minha filha? Qual d'ellas? Pois este mariola ainda em cima se atreve a erguer os olhos para uma das filhas do seu patrão!

DONA MARIA.

Do seu patrão? Ah! então não é o senhor Raposo?

O COMMENDADOR.

Que Raposo nem meio Raposo! Eu sou o commendador Andrade, socio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia! — O senhor Jorge está dormindo, disse a senhora...

DONA MARIA.

Sim, senhor.

O COMMENDADOR.

Pois bem; quando elle acordar, diga-lhe que eu aqui estive, e o ponho no olho da rua! Que appareça para fazermos contas!

DONA MARIA.

Attenda, senhor commendador...

O COMMENDADOR.

A nada attendo! A casa Andrade, Gomes & Companhia não pôde ter empregados que se embriagam e passam a noite no xadrez! Era o que faltava!

Sae arrebatadamente.

## SCENA V

JORGE, DONA MARIA.

Na alcova.

JORGE.

Abre um olho, depois o outro, olha em volta de si, certifica-se de que está em sua casa, dirige a Dona Maria um sorriso de agradecimento, solta um longo suspiro, e exclama com voz rouca e sumida:

Como eu me diverti!

Cae o panno.

ARTHUR AZEVEDO.

## FUTURO, PRESENTE E PASSADO

Dae um'alma do orvalho á argentea gotta ;  
Dae um sorriso á flor ; á borboleta  
Que nos rosaes adeja irriquieta  
Emprestae por momentos o sentir ;  
E nem do orvalho a gotta cristallina  
Alma terá tão pura como a d'ella,  
Nem a flor sorrirá tão meiga e bella  
Como a vestal que amei sabe sorrir.

A borboleta não terá mais mimos  
Que mimos ella tem nas doces falas ;  
Pompas não tem a aurora, não tem galas  
Quantas pompas e festas ella tem  
No olhar, cheio de raios e meiguices,  
No olhar, que da alvorada se não teme,  
Olhar que canta, que soluça e geme,  
Suspira, arqueja, e chora, e ri tambem.

Dar-lhe a saber o nome... fôra crime ;  
Profanação dizer que vestes traja ;  
Alguem a vio? Pois esse alguem bem haja,  
Que gosou da ventura que eu gosei ;  
Fitando-a, como a serpe ás andorinhas,  
Senti n'alma esta ardencia que a consome ;  
Estrella, ou Lyrio era talvez seu nome, —  
FUTURO foi o nome que lhe dei.

Mais tarde, o tempo approximou-nos ambos...  
Estrella, deslumbraram-me os seus lumes ;  
Lyrio, aspirei-lhe os timidos perfumes,  
Sem tocar-lhe das pet'las no setim ;  
Menos ingenua um pouco e mais mimosa  
Do que ingenua e mimosa d'antes fôra,  
Formou-se de gentil em tentadora  
E foi PRESENTE, ao tel-a junto a mim.

Depois, baixou na encosta do horisonte  
O pharol que guiava o pegureiro ;  
Entre as madidas relvas do canteiro  
O murcho lyrio não viceja mais...  
Que sonhos não brotaram-me na mente!  
Quanta illusão doirou-me a phantasia!  
Eu nem sei se sonhava ou se vivia,  
Pois, qual ditoso fui, serei jamais!

Ella sumio-se pela azul ; e, quando  
Tornou de novo ao vacuo constellado,  
Se era estrella, chamava-se PASSADO,  
Um passado que nunca esquecerei!  
Mas se o rôcio tem alma e a flor tem risos,  
Ess'alma não será qual foi a d'ella,  
Nem a flor sorrirá tão meiga e bella,  
Como sorri o archanjo que adorei!

FREDERICO RHOSSARD.

Fomos honrados com un convite para a sessão solemne commemorativa do 50º anniversario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, e primeira exposição de trabalhos juridicos, organisaada pelo mesmo Instituto.

## O LOPES

A ARTHUR AZEVEDO

O pobre Lopes era um santo homem.

Aquelles olhinhos pretos e movediços, o rosto quadrado, adornado com uma bocca desmesuradamente rasgada, semelhante a um abysmo, onde a falta de apoio dos dentes deixava os beiços se precipitarem; o nariz pyramidal, enorme — impossível —, recurvado sobre os labios; todos aquelles signaes, emfim, com que os physiologistas caracterisam os grandes velhacos, não eram mais que uma burla á sciencia de Gall e de Lavater.

Se havia algum ponto em que o nosso homem poderia ser acoimado de bilontra, era em politica.

Porém elle definia-se bem: conservador de familia, liberal de convicção, e republicano, porque gostava de andar sempre a par do movimento progressista do seculo.

Sendo tudo isto, o Lopes era, todavia, mais amigo de si mesmo: votava no credo que lhe offerecia mais vantagens.

Apezar de casado e já pendido para os cincoenta invernos, tinha uma mania... mania unica na sua vida — o galanteio.

Namorava, ria, chasqueava, e estava sempre em charola com as mulheres jovens e bonitas.

Dava-lhes pancadinhas leves nas faces, apertava-lhes o queixo com meiguice e concluia estes agrados com uma formidavel gargalhada, em que abria desmesuradamente a bocca, e um aperto de mão, no qual transluziam saudades e desejos de um tempo de volupia que já não existia para elle.

Isto fazia com que o Lopes fosse estimado por uns e enojado por outros, que o julgavam um mão *clown*.

\*

Chegára, havia pouco, para a villa um portuguez que trazia uma mulher nedia, joven, rochuchuda e não de todo desprovida de gentileza.

O capitão Lopes (o nosso heróe era official da guarda nacional) começou logo nos primeiros dias da chegada do portuguez com os costumados galanteios; mas consistiam, então, simplesmente, num comprimento de chapéo, acompanhado de uma grande cortezia e de um sorriso boçal.

Foi pouco e pouco ganhando terreno, sempre amavel, sempre sorridente, trazendo ora uma flor, uma fructa, um d'aquelles pequenos nadas, emfim, com que elle, o innocente, o simples, o casto Lopes, julgava fazer as altas conquistas.

Um dia o pobre velho animou-se a mais.

A mulher do portuguez estava á janella.

O seu rosto, ruborisado pela ardentia do verão, desfolhava em aureo sorriso por entre os labios coralinos.

A fronte, aureolada por uma restea de sol poente, tinha o purpureado crepuscular dos ultimos raios de luz, que a tornavam esplendidamente bella, com uns toques d'aquelle *quid* que etherisa, divinisa e exalça o ser ás regiões ideaes da theogonia mystica.

O Lopes ficou deslumbrado, extasiado, e disse comsigo:

— Quem nunca se arriscou nunca perdeu nem ganhou.

Encheu-se de coragem, e, tomando a resolução dos grandes conquistadores e... dos grandes parvos tambem, passou bem junto á janella onde estava a moça, deu-lhe uma pancadinha leve nas faces, apertou-lhe, com mão tremula, o queixo, e rio com aquelle riso que lhe era peculiar.

Ella ficou perturbada.

O portuguez, que assomára á porta nesse momento, e vira o desaforo do Lopes, murmurou entre dentes:

— Ah, meu borrarotas, tu m'as pagarás!

Elle percebeu no olhar a ira do marido e eclipsou-se cabisbaixo, semelhante a um cachorro ladrão que, apanhado em flagrante, foge sorrateiramente.

\*

Passaram-se dous mezes.

Uma noite o Lopes voltava a deshoras da casa do coronel Fagundes, onde passára uma *soirée* esplendida entre o bello sexo, que se divertira bastante á custa d'elle.

Ao passar defronte de um becco, perto da rua solitaria onde habitava, o Lopes vio sahir um vulto que, sem mais preambulo, passou-lhe uma grande sova.

O misero sahio a gritar, a correr, a voar com as pesadas azas de pão que levava nas costas.

Chegou á casa esbaforido, cansado, moido e com as lagrimas a correrem-lhe a fio pelo rosto.

A mulher do nosso heróe, assim que soube do motivo das pauladas, exclamou victoriosa:

— Eu logo vi que essas suas conquistas, seu Lopes, mais dias menos dias haviam de dar nisto.

O velho recordou-se, então, do olhar e da promessa do portuguez ciumento.

Fôra, pois, escovado, simplesmente porque o julgaram um seductor.

Seductor, elle?! Elle de quem a mulher já se teria divorciado se tal lei existisse no Brasil!

Elle que a respeito de mulheres estava tão adiantado comu Newton!

O Lopes tornou-se, desde então, macambusio: não rio nem brincou mais.

As mulheres lamentavam a falta d'aquelle fan-toche que as fazia rir a bom rir.

A. FOSCOLO.

## REQUIEM...

Perde-se, além... na Madrugada branca  
Da minha Vida o meu Passado morto...  
(Recordando-o, a Dor o meu Pranto estancia,  
Tanta é a minha Dor, meu Desconforto,  
Porque estou morto !)

A minha historia lagrimas arranca...  
(Historia miseravel.. ) Chego ao *Porto*  
*Da Morte*, entrando pela barra franca,  
No fim da Vida, sem nenhum Conforto !  
Porque estou morto !

Lá vem a Noite... A Claridade branca  
Da Lua escoa um Plenilunio morto,  
Como os tocheiros da Eça d'algum Morto,  
Porque estou morto !

... Ah ! que a Onda do teu Pranto corra franca !  
(Pranto que minha Dor á tua arranca...)  
Dê-me tu'Alma um pouco de Conforto,  
Porque estou morto !

FIGUEIREDO PIMENTEL.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

## XII

(Continuação)

— Que se diz? interrogou o velho militar, dirigindo-se a Tosti.

— Pouco.

— Nesse caso, estou autorizado a confirmar o meu presentimento; o autor d'esta comedia, a cuja representação assistimos, é...

— E' pagão... interrompeu o moço sarcasticamente.

— Engano; é duplamente baptisado, na igreja pelo sacerdote e no mundo scientifico e das letras pelo proprio talento.

— Chama-se...

— Ignora-o?

— Ignoro.

— Permitta-me não crer nas suas palavras. Disse-m'o em particular Carrero...

— Pois bem... a mim não m'o communicou. Não teve, talvez, confiança.

— Chama-se Lucio Herrera, a primeira cabeça d'entre tantas que formam a vanguarda da nossa mocidade intelligente.

— Sei-o n'este momento...

— E ainda mais: estou autorizado pelo proprio Carrero a perguntar, ao amigo, a sua opinião sobre a peça, a qual, disse elle, o senhor conhece bem.

— Eu?...

— Precisamente. Não é verdade que ha pouco se encontraram no corredor?

— Sim, é verdade.

— Que trocaram pareceres sobre o valor da comedia, do que resultou a declaração de seu entusiasmo pelo trabalho do doutor Lucio?

As palavras do coronel, como impressão forte de manopla que lhe flagellasse o rosto, despertaram-lhe na alma a revolução surda do desespero. As faces tomaram a côr viva do carmin, ao tempo que o estupor lhe transformava a expressão do rosto.

— E' falso, coronel! — exclamou com difficuldade cerrando entre os dentes as pontas do bigode. E' falso! Se convençionámos applaudir esta comedia, foi que o Sr. Carrero supplicou dos conhecidos e dos indifferentes esse obsequio. Quanto ao mais, é demasiada irrisão anticipar-se, declarando, por mim, opiniões que não são minhas e que, pelo contrario, não podem ser favoraveis ao trabalho do doutor Lucio.

— Não lhe agrada?...

— Francamente, não! Em todo caso, prometti applaudir por deferencia. Uma vez, porém, que o pedido de Carrero se transformou em ousadia, é justiça declarar que não aluguei a minha consciencia de espectador, nem a minha independencia de homem.

A cada phrase, exaltadamente pronunciada por Guilherme, voltavam-se a pouco e pouco as pessoas que occupavam os camarotes contiguos.

Carmen revolvea-se, prevendo algum escandalo.

Fazia accionados, impondo moderação ao entusiasmo, ou melhor ao delirio do seu pretendente. Era baldado. Tosti não dava por elles. A vista turbara-se-lhe de ciúme.

— Eh! Eh! meu caro Sr. Guilherme! O que vejo é que o amigo se vae tornando suspeito e apaixonado no seu parecer. Diga-me: não anda entre o senhor e Lucio alguma estrella errante?... interrogou o coronel, gargalhando em surdina ao terminar a pergunta.

Guilherme não respondeu. Fez que não ouviu.

E, como que dominado por uma força estranha, abateu o olhar, demorando-se na posição dos humildes.

Dolores então, aproveitando-se do momento em que a victima não poderia vel-a, fez um gesto, que o coronel Blanco comprehendeu, acouselhando-o a que não proseguisse no seu gracejo. Carmen compadeceu-se, admirando-se ao mesmo tempo da presteza com que se desenvolveu o amor de Guilherme.

Esta scena foi rapida.

O moço sahio repentinamente d'aquelle lethargo apparente, como se lhe houvessem tocado na mola principal do amor proprio e do orgulho.

Estendeu a mão ao coronel Blanco e foi-se despedindo de Dolores e de Carmen. A mãe gosava

de sua victoria ; e a filha, cerrando fortemente a mão de Guilherme, fel-o curvar-se. Tosti comprehendeu a ordem ; disfarçou um comprimento cordial e prestou ouvidos ao que se lhe queria dizer.

— Espero-o no outro intervallo.

E nisto, como quem não queria ouvir resposta, deixou-o em liberdade.

O pretendente não insistio, e retirou-se do camarote. Era-lhe necessario mais ar.

— Suffoco! — pensou — não posso explicar o entusiasmo que sinto por esta mulher ; o que é verdade, é que tenho ciumes de Lucio. Se não houvesse entre nós a sombra de um rival, hoje mesmo levantava acampamento. Esperemos...

E dando ao corpo um movimento de *balancé* de quadrilha, seguiu até a plateia.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

### CONSOLAÇÃO

Basta fitar teu rosto pensativo,  
Basta pensar em ti, ou basta ver-te,  
Esta tristeza horrivel se converte  
Logo em doirado cantico festivo.

Longe de ti, ó meu amor, não vivo!  
Morro de tanto amar-te e de querer-te,  
E mal sabes as lagrimas que verte  
Meu triste coração contemplativo!

Mas quando em meu olhar brinca e scintilla  
O teu piedoso olhar, todo alegria,  
Minh'alma, — alado passaro, — pipilla.

E não me punge então esta agonia,  
Esta duvida atroz que me aniquilla,  
Este correr atraz de uma utopia.

ADELINO FONTOURA.

### THEATROS

LYRICO. — A representação da *Lucia*, de Donizetti, valeu um verdadeiro triumpho á Boronat. A gentilissima cantora foi alvo, depois da famosa scena da loucura, de uma d'essas inesperadas ovações que se gravam eternamente na memoria do publico e no coração do artista. Nunca o papel de Lucia foi tão bem cantado no Rio de Janeiro. E' pena que a Boronat não o represente como o canta.

Os outros interpretes não se mostraram na altura da protagonista. O tenor Colli esteve de uma infelicidade commovedora. Foi um Edgard feroz!...

— Os *Huguenotes*, de Meyerbeer, a opera que mais votos obteria no Rio de Janeiro se aqui se fizesse um plebiscito para eleger a melhor, foi muito bem cantada por Adalgisa Gabbi e De Marchi, valentemente secundados por De Grazie, Rossi, Sotolana, Zawner, etc. Orchestra e córos quasi irreprehensíveis. Encenação caprichosa.

\*

S. PEDRO. — A companhia portugueza deu-nos *Alcacer Kibir*, drama de D. João da Camara.

Bonitos versos, cheios, sonoros, fluentissimos, com rimas raras e pequeninas surpresas de fórma, — personagens bem contornados, — bonitas situações, etc., — mas uma ausencia absoluta do drama que aquelle titulo — um magnifico titulo — invoca, — tal é a peça do applaudido autor de *D. Afonso VI*.

Brazão e os irmãos Rosa tornam a peça interessante pela interpretação dada aos papeis de D. Fuas, de Beltrão e do cardeal Henrique, o tal que entregou

Portugal aos castelhanos,

segundo uma vingadora trova popular.

Rosa Damasceno encarregou-se de um papel inferior ás suas forças. O contrario succedeu a Lucinda do Carmo. Merecem mencionados Amelia Garraio, Antunes, Joaquim Costa e Valle.

— No mesmo theatro realizou-se domingo passado, com muito exito, o terceiro dos concertos symphonicos organisados este anno pelo professor Cernicchiaro.

No programma figuravam Beethoven, Mendelssohn, Berlioz, Schumann, Verdi, Pierné e outros.

\*

POLYTHEAMA. — Os artistas da companhia Tomba deram-nos a *Traviata*, de Verdi, e os *Pescadores de Napoles*, de Saria.

Na *Traviata* foi ainda Tetrazini quem teve as honras do desempenho ; mas é de justiça não esquecer o *maestro* Bernardi, regente da orchestra, artista muito distincto.

\*

Nada novo nos outros theatros : no Lucinda voltaram á scena as *Noivas do Enéas* e no Recreio o *Anjo da meia noite*; o Sant'Anna, o Apollo e o Variedades continuam a explorar a *Mascotte*, o *Abacaxi* e os *Talismans de Perlímpimpim*.

X. Y. Z.